



## LEILA PINHEIRO

### Quarenta anos (e a eternidade) da música brasileira em cada canção

“No rosto uma vontade louca de ser” seria apenas um dentre tantos versos escondidos na história da música brasileira que Leila Pinheiro vai lá e, de repente, ilumina com sua voz.

Mas é também a imagem perfeita para descrever a própria Leila Pinheiro, o seu rosto sempre iluminado quando canta, uma vontade louca de ser a intérprete daquelas palavras e melodias, o sonho realizado a cada canção, o prazer que ela não consegue conter no sorriso por estar cantando ou mesmo no rosto franzido pelo achado no piano de um acorde inusitado e lindo, perfeito para aquela canção. A voz de Leila aflora também no corpo, no rosto transparente do prazer e da dor de fazer música brasileira, transmitir as emoções, tristezas e belezas das canções.

“No rosto uma vontade louca de ser” é o verso escondido em “Cláudia”, canção até então meio esquecida no segundo e também pouco lembrado disco da Brazuca, de 1971, uma das 15 canções da dupla Antônio Adolfo e Tibério Gaspar que Leila redescobre no álbum “Vamos partir pro mundo”, um dos quatro trabalhos seus lançados neste 2020 em que completa 40 anos de carreira e 60 de vida.

(Vamos dar uma pausa nesta numerália para tentar compreender uma coisa. O que seria, se não esta “vontade louca de ser”, uma comemoração de 40 anos de carreira que envolvesse quatro trabalhos tão densos, originais, relevantes, a ponto de que apenas um deles bastaria).

Pois Leila Pinheiro já lançou neste 2020: “Vamos partir pro mundo” (Deck), com Antônio Adolfo nas composições, arranjos e piano; “Faz parte do meu show: Cazuza em bossa” (Som Livre), uma leitura bossa nova de canções de Cazuza feita com o bossanovista Roberto Menescal (guitarra) e o ex-Barão Vermelho Rodrigo Santos (baixo) e a própria Leila no piano e voz; e “Cenas de um amor” (Azul Music), em parceria com o grupo instrumental paulista Seis com Casca, no qual trazem para o universo da canção brasileira temas de origem clássica e tratam de maneira clássica canções brasileiras num daqueles trabalhos que derrubam a fronteira entre popular e erudito.

E ainda lança mais um e talvez o mais aguardado álbum de sua carreira: “Melhor que seja rara” (Jóia Moderna e Tacacá Music), um disco exclusivamente de piano e voz, com músicas raras ou inéditas escolhidas num diálogo musical íntimo desde 2004 com o produtor, pesquisador e DJ Zé Pedro.

Seu piano e sua voz são gravados por ela própria, no Protools em seu estúdio caseiro. Além dessa novidade – a Leila técnica de som, interessadíssima que é também nos meandros tecnológicos da produção musical - neste trabalho está registrada a essência da sua criação: as noites sem fim em que se debruça sozinha sobre a música ao piano, acarinha as canções com as mãos e sente o seu gosto na boca, para depois enviá-las criadas ao mundo e à história da música brasileira.

A ideia nasceu quase por acaso. Leila musicou há muitos anos, numa dessas tais longas noites ao piano, o poema “Saudade” de Clarice Lispector e mandou para o amigo Zé Pedro, que mandou de volta pérolas de seu acervo íntimo que imaginava na voz de Leila, como a inédita “Súbita primavera”, de Moacyr Luz e Fátima Guedes. De volta, Leila apresentou a Zé Pedro um velho samba de Vinicius de Moraes perdido no repertório de Isaurinha Garcia, “Deixa pra lá”. Leila recebeu de volta a então novíssima “Dia tão cinzento”, canção de Rômulo Fróes e Nuno Ramos. O samba canção “Disco”, de Dori Caymmi e Paulo Cesar Pinheiro, foi apresentado a Leila pelo próprio Dori, que a chamou especialmente para ouvi-lo tocar no camarim do Teatro Rival, no Rio de Janeiro. Foi deslumbramento à primeira audição.

Assim, no decorrer do tempo, naturalmente foi se consolidando um repertório e as versões de piano e voz de Leila, takes inteiros sem ajustes ou correções, fruto muito mais da espontaneidade e da emoção do que ia criando e muito longe do altíssimo apuro técnico buscado normalmente por Leila, seus produtores e parceiros nos estúdios profissionais até este 2020 pandêmico.

Nasceu assim um disco-documentário da apaixonada criação musical de Leila. “Melhor que seja rara”, aliás, verso de uma das canções do disco, de Guilherme Rondon e Zélia Duncan, rivaliza com “No rosto uma vontade louca de ser” para melhor definir os 40 anos de música de Leila Pinheiro - e esta definição teria mesmo que ser achada num verso qualquer de canção.

A vontade louca expressa no rosto e a canção rara já estavam lá quando o Brasil tomou conhecimento de Leila Pinheiro, premiada como revelação do Festival dos Festivais da TV Globo, em 1985, o último dos grandes festivais. Nele, através do samba “Verde”, de Eduardo Gudin e Costa Netto, Leila não apenas se apresentava ao grande público como anunciava, em nome da canção brasileira, novos tempos, “verdejantes tempos” de democracia para o país e de continuidade da própria canção – “Eu que sempre apostei na minha paixão/Guardei um país no meu coração/Um foco de luz, seduz a razão/De repente, a visão da esperança”.

Tal luz da esperança já estava no primeiro show, em outubro de 1980, quando Leila se apresentou ao público de sua Belém natal, no principal palco da cidade, o Theatro da Paz, e tudo que aconteceria em sua carreira nos próximos 40 anos já estava sutilmente delineado. Ela se apresenta como uma cantora de música popular brasileira, fazendo do repertório uma espécie de resumo do que havia acontecido nos 20 anos anteriores: do “Desafinado”, de Jobim, passando por Ivan Lins e Vitor Martins (“Aos nossos filhos”), Milton Nascimento e Fernando Brant (“Maria, Maria”), Chico Buarque (“Joana francesa”), Caetano Veloso (“Baby”), Taiguara (“Universo no teu corpo”), Djavan (“Meu bem querer”), entre outros autores

contemporâneos. Mas, também, já redescobrimos coisas do passado como “Eu sonhei que tu estavas tão linda” e lançando coisas novas como “Sinal de partida”, canção feita para ela por seu conterrâneo Guilherme Coutinho, diretor musical do show, e que anunciava, inequívoca: “Este é o meu sinal de largar, o meu partir/Quero só cantar sem pensar se vou vencer/Mas quero, sem querer, merecer ganhar”.

Leila seguiu as ordens da canção, partiu para o Rio de Janeiro. E com tal ímpeto, que logo em seu primeiro disco independente já ganha canções e é acompanhada por gente como João Donato, Ivan Lins, Francis Hime e Toninho Horta, recebendo a benção de ninguém menos do que Tom Jobim, que a acompanha ao piano na gravação de sua linda – e tinha que ser rara – “Espelho das águas”, como que abrindo as águas para ela.

Com “Verde”, em 85, Leila parece assumir um posto que ficara vago com a morte precoce de Elis Regina, três anos antes, o da cantora-músico, aquela voz tecnicamente perfeita com que os compositores sonham em ouvir suas criações, e a intérprete que o público identifica como porta-voz de uma época – não é coisa corriqueira de acontecer, dera-se com Elis 20 anos antes. O fato é que a chegada de Leila Pinheiro e sua vontade louca de ser marcaria o surgimento de uma cantora que, dali em diante, balizaria o que se chama música brasileira, função primordial de tais raríssimas cantoras.

Tanto que logo nos primeiros discos que faria na Polygram, “Olho nu” e “Alma”, ela lançaria canções do primeiro time da MPB, coisas de autores como João Donato e Caetano Veloso (“O fundo”), Moacyr Luz e Aldir Blanc (“O mar no Maracanã”) ou Edu Lobo e Chico Buarque (“Abandono”).

Neste mesmo sentido, a sensibilidade de Roberto Menescal viu a voz de Leila como a ideal para revitalizar a bossa nova na comemoração de seus 30 anos. Nasceria assim, em 1989, “Benção bossa nova”, disco que teria consequências imprevisíveis: traria de volta o velho gênero, então esquecido no Brasil; transformaria Leila numa cantora identificada com a bossa nova, e de fato popular, que tocava no rádio e ganhava discos de ouro, e marcaria pelo Japão o início da sua carreira internacional.

Na densa discografia que construiria a partir daí, e nas mais de 150 participações em discos alheios, na imensa agenda de shows que cumpriria, e até nas “lives” que passaria a fazer de seu piano, Leila oscilava entre essas duas vertentes de trabalho anunciadas logo no início da carreira: lançar novidades e consolidar autores e cancioneiros. Não por acaso, seus discos seguintes se chamariam “Outras caras”, de novidades, ou “Coisas do Brasil”, de consolidação.

Às vezes, uma coisa se mistura com a outra. Como numa faixa de “Outras caras”, “Esconjuro”, talvez a primeira canção de Guinga e Aldir Blanc gravada por uma cantora, uma novidade absoluta, Leila Pinheiro praticamente anunciando uma revolução estética que estava acontecendo na música brasileira. Tal faixa, cinco anos depois resultaria na criação de um dos discos mais importantes da música brasileira nos últimos 40 anos, “Catavento e girassol”, justamente a consolidação do imenso cancioneiro criado por Guinga e Aldir, e que teria Leila como sua intérprete natural – como Elis fora, 20 anos antes, da dupla João Bosco e Aldir Blanc. De quebra, sem abrir mão de nada, com a paixão que põe em tudo que faz, Leila criou um disco íntegro, sem alterar as ousadias poéticas e musicais da dupla de compositores, e conseguiu da gravadora EMI uma produção de luxo – com direito à gravação de cordas em Los Angeles e a arranjos de Jorge Callandrelli.

O resultado, e contra até algumas expectativas, foi um disco bem sucedido, inclusive comercialmente, e a música da dupla considerada por muitos do mercado como hermética tocando no rádio e ganhando prêmios.

É com esse mesmo ímpeto, a tal vontade louca e esse pendor para o que é raro, que Leila consolida cancioneros dispersos. Vai reunir, por exemplo, em “Reencontro”, a obra de Ivan Lins e Gonzaguinha, os dois principais artistas revelados pelo Movimento Artístico Universitário (MAU) no final dos anos 60, inclusive com lançamento de parcerias inéditas dos dois.

Da mesma forma, dedicaria discos inteiros a obras significativas da sua carreira e importantes para a história da música brasileira: como “Agarradinhos”, disco dedicado à obra de Roberto Menescal, ou “Pra iluminar” sobre a obra do compositor que a consagrou, Eduardo Gudin.

Em “Meu segredo mais sincero” joga luz sobre as composições de Renato Russo – pioneira que fora entre as cantoras de MPB em gravar, com “Tempo perdido”, um autor estigmatizado como roqueiro. Já em “Raiz”, de volta às origens canta a música de compositores paraenses, como Vital Lima e Nilson Chaves. Parece querer fazer, e faz, História.

Mas mesmo em seus discos, digamos, tradicionais, o ímpeto criativo de Leila não parece aceitar limites. Ela imagina e realiza façanhas, como propor e inaugurar parcerias inéditas e necessárias, como a de Ivan Lins e Chico Buarque (em “Renata Maria”) ou Marcos Valle e Jorge Vercilo (“Pela ciclovia”), fazendo jus ao título do disco, “Nos horizontes do mundo”, no qual exerce uma postura ativa na criação das canções. Ou oscilar, com a mesma paixão e seriedade, entre trabalhos que são verdadeiras festas, como o ao vivo cheio de sucessos “Mais coisas do Brasil”, e o denso “Céu e mar”, um duo de guitarra e voz com Nelson Faria em torno das mais lindas canções brasileiras de todos os tempos, mas não necessariamente as mais populares.

A impressão que se tem ao sobrevoar os 40 anos da carreira de Leila Pinheiro, ou mesmo navegar por sua imensa e surpreendente página no YouTube – na qual pode aparecer em casa recriando ao piano elétrico a obra de Roberto Carlos, ou tocando Guinga num piano de cauda Steinway à frente da Sinfônica de Minas Gerais– é que ela abarcou, neste tempo, tudo que de mais surpreendente e que precisava ser dito na linguagem da canção. E que cumpriu seu desejo, sua vontade louca de ser a voz da música brasileira de seu tempo.

**Hugo Sukman**  
**OUT 2020**



## DISCOGRAFIA – CD's | DVD's | outros formatos

1983: **Leila Pinheiro** (Independente) | 1986: **Olho Nu** (PolyGram) | 1988: **Alma** (PolyGram) | 1989: **Bênção, Bossa Nova** (PolyGram) | 1991: **Outras Caras** (PolyGram) | 1993: **Coisas do Brasil** (PolyGram) | 1994: **Isso É Bossa Nova** (EMI Music) | 1996: **Catavento e Girassol** (EMI Music) | 1998: **Na ponta da língua** (EMI Music) | 2000: **Reencontro** (EMI Music) | 2001: **Mais Coisas do Brasil** (Universal Music) – CD e DVD | 2005: **Nos horizontes do mundo** (Biscoito Fino) | 2007: **Nos horizontes do mundo ao vivo** (Biscoito Fino) – CD e DVD | 2007: **Agarradinhos** (EMI Music) – CD e DVD | 2008: **Pra iluminar** (Tacacá Music) – CD | 2010: **Meu segredo mais sincero** (Biscoito Fino/Tacacá Music) – CD | 2012: **Raiz** (CT Music | Atração Fonográfica) – CD | 2013: **Céu e Mar** (Far Out | Biscoito Fino) – CD | 2015: **Por onde eu for** (Tacacá Music) – EP | 2020: **Leila Pinheiro e Antonio Adolfo - Vamos Partir Pro Mundo** (Deck Disc) – CD e digital | 2020: **Faz Parte do Meu Show – Cazuza em Bossa** (Som Livre) CD e digital – **Cenas de um amor** (Azul Music) – digital | **Melhor que seja rara** (Joia Moderna/Tacacá Music)- digital.

[facebook.com/leilapinheiro](https://facebook.com/leilapinheiro)  
[instagram.com/leilapinheiro](https://instagram.com/leilapinheiro)  
[twitter.com/leilapinheiro](https://twitter.com/leilapinheiro)  
[youtube.com/leilapinheirooficial](https://youtube.com/leilapinheirooficial)

**TACACÁ PRODUÇÕES ARTÍSTICAS**  
**Agenciamento LEILA PINHEIRO**  
**Marisa Pinheiro**  
[show@leilapinheiro.com.br](mailto:show@leilapinheiro.com.br)  
 11.99688-1301